

JERUSALÉM: UMA CIDADE ÉPICA

Paula Pinto Costa

Jerusalém, vista por muitos como a cidade das cidades, tem incontestavelmente um percurso histórico notável. É uma cidade de antípodas, onde os testemunhos de união e de guerra, de encontros e de divisões são constantes ao longo dos tempos e onde os contrastes e a multiculturalidade imperam, hoje como no passado mais distante. Foi crescendo sobre múltiplas vivências humanas, religiosas e culturais, e também políticas, militares e económicas que radicam em tradições muito diversas. Pela sua localização geográfica, Jerusalém constitui um centro de rotas económicas e uma encruzilhada a que afluem outros mundos. Pelo seu estatuto religioso, é um centro de peregrinações que atrai muitos devotos e aventureiros. Foi, assim, adquirindo uma feição de marcada universalidade. Fruto de tudo isto, foi acumulando um património arquitetónico, urbanístico e simbólico muito rico e que se foi sucessivamente transformando em função das circunstâncias históricas que marcam esse território e que reforçou a sua atratividade.

Na primeira metade do século VII, Jerusalém foi conquistada pelos árabes, na sequência da expansão iniciada por Maomé. Em 1099, como resultado da primeira cruzada, proclamada quatro anos antes, a cidade foi conquistada por forças cristãs ocidentais,

integradas, na sua maioria, por pessoas classificadas como cruzados. Em 1187, foi reconquistada por Saladino. Em 1244, foi sitiada e saqueada pelos Tártaros. Entre 1250 e 1517, conheceu o domínio mameluco, após o qual se instalariam os Otomanos. Esta sucessão de momentos-chave revela a instabilidade do território em questão e a sua capacidade de recriação. Às guerras entre opositores, somavam-se rivalidades internas e disputas entre os que se enquadravam nas mesmas fações. Como sempre, as dualidades eram complexas. A sucessão de forças no terreno e a alteração do comando político-militar dessa área teve consequências enormes. O impacto destas mudanças foi deixando marcas profundas, tanto em termos demográficos, como em termos patrimoniais, domínio em que as destruições recorrentes e as sucessivas (re)construções, a par das muitas inovações que aí se ensaiaram e consolidaram, proporcionam indícios interessantíssimos da evolução histórica dessa zona no Mediterrâneo oriental.

Durante a dominação cristã, iniciada em 1099, intensificou-se a mobilização e a presença de pessoas ocidentais e desenvolveram-se estruturas e instituições, como os chamados Estados Latinos, as Cruzadas, as Ordens Religioso-Militares. No seu conjunto, constituíram conceitos e entidades icónicas que contribuíram para a articulação profunda entre o Mediterrâneo Oriental e o Ocidente europeu. Entre os mais ativos estiveram os Templários e os Hospitalários, que tiveram no território de Jerusalém a génese do seu aparecimento, a matriz da sua missão, os seus assentamentos primordiais e as suas casas conventuais centrais. No pulsar da vida da cidade, protagonizaram ações de natureza política e diplomática, programas socio-caritativos,

concretizados em apoios aos peregrinos, aos cruzados e aos homens de negócio que aí afluíam e também dinamizaram campanhas de guerra e, sobretudo, redutos de defesa que visavam a difícil sobrevivência face aos inimigos sempre presentes. O enorme prestígio que foram acumulando fez destas instituições elementos marcantes do horizonte do Medieval, tanto a Oriente como a Ocidente.

Um dos mais poderosos contributos de Jerusalém – cunhada com o epíteto de Cidade Santa – para o domínio das sacralidades medievais advém da sua capacidade de gerar e difundir memórias, de alimentar ideais religiosos e de cavalaria e de produzir relíquias. É, pois, ponto de origem de inúmeros destes objetos sagrados que se difundiram um pouco por todo o lado. Entre estas relíquias contam-se as mais emblemáticas, associadas à vida e morte de Cristo, e que conheceram usos devocionais de espectro muito alargado, indo do pessoal ao político, e que foram disseminando a aura de prestígio e de santidade de Jerusalém. Esta cidade tem uma excepcional capacidade de atração dentro e fora do seu espaço físico. Alimenta a reprodução mimética de traças arquitetónicas, visíveis em igrejas e castelos, e de topónimos que a evocam em destinos longínquos. Torna-se, de diversos modos, uma cidade próxima, assumida por muitos como um modelo e que tem uma excelente receção em meios geográficos muito distantes. É, assim, uma cidade que alimenta identidades e que proporciona um legado ativo e mobilizador.

Para saber mais

BERIOU, Nicole & JOSSERAND, Philippe (coord.). *Prier et combattre*. Dictionnaire Critique des Ordres Militaires Européens au Moyen Âge. Éditions Fayard, 2009.

COSTA, Paula Pinto & NASCIMENTO, Renata Cristina de S. *A Visibilidade do Sagrado*. Relíquias Cristãs na Idade Média. Curitiba: Prismas, 2017.

COSTA, Paula Pinto. Peregrinação e Cruzada no contexto da articulação Ocidente / Oriente (séculos XI-XIII). In SOUZA, Armênia Maria & NASCIMENTO, Renata Cristina de Sousa (org.). *Cultura Política e Poder na Idade Média*: estudos em homenagem ao Dr. José Antônio de Camargo Rodrigues de Souza. Rio de Janeiro: Multifoco, 2018, p. 157-179.